

Vamos

Crianças Mercados de trocas de brinquedos com fundo pedagógico multiplicam-se pelo país. Quem disse que é preciso ter coisas novas em folha?

Carina Fonseca
cultura@jn.pt

● Inês Batista, de sete anos, está rodeada de puzzles, livros e outros objetos com os quais já não brinca, espalhados sobre uma manta no chão do Departamento de Matemática da Universidade de Coimbra (UC). Já deu uma volta pelo Mercado de Trocas para Crianças e Jovens, promovido pela associação cultural Casa da Esquina, e ficou de olho numa caixa com pulseiras, que irá buscar "se conseguir jardins", a moeda social criada para mediar as trocas. Participar é simples: cada criança leva pelo menos um brinquedo (ou livro, ou DVD) que já não use, em bom estado, e uma manta para exposição. No primeiro mercado, recebe dez jardins. Os que sobrarem ficam depositados no "ecobanco", para utilizações futuras.

"É uma maneira de ir sempre brincando com coisas novas", conta Inês. Novas nas suas mãos, porque o que interessa ali é brincar e passar a outro. Há coisas que eles levaram do mercado e voltaram a libertar, depois das brincadeiras, diz a mãe Ana Margalho, referindo-se aos gémeos Inês e Gabriel. Naquele dia, vão para casa entusiasmados, com um saco cheio de coisas por explorar, desde livros de banda desenhada até atividades para fazer velas.

Pôr crianças a pensar sobre valor das coisas
O mercado da Casa da Esquina realiza-se desde 2011, quatro vezes por ano. Em cada edição há participantes novos, lado a lado com os habituais. "Temos ali um miúdo de quatro anos que era bebé de colo quando veio", aponta Filipa Alves, daquela associação cultural. A ideia é que sejam os mais novos a estabelecer o valor de cada um dos objetos que levam, entre um e dez jardins.

O objetivo de usar moeda social num mercado de trocas para crianças é pô-las "a pensar sobre o valor das coisas que tinham, por exemplo, questionando a paridade. Não há paridade entre o euro e o jardim, e isso foi propositado", diz Luciane Lucas dos Santos, investigadora do Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra, que tem trabalhado no âmbito das outras economias, moedas sociais e circuitos de troca. Ou seja: a criança é que constrói o valor, "olha para as coisas pelo seu valor afetivo e simbólico".

Iniciativas como a de Coimbra, que se têm disseminado pelo país, procuram promover o desapego e mostrar que não é preciso ter objetos novos em folha, explica Luciane Lucas dos Santos. Propõe-se uma visão sobre o consumo onde se possa questionar esse desejo por coisas a estrear. O objetivo não é acumular brinquedos. Pode pôr-se o artigo de novo a circular, depois de se brincar com ele. E não há diferença entre ricos e pobres, pois todos recebem os mesmos dez jardins.

"Todos têm acesso aos bens que estão no mercado naquele dia", reforça Samuel Machado, investigador ligado a outro mercado de trocas para miúdos: o Estrela Solidária, que acontece em Cantanhede, trimestralmente, desde 2013, também com recurso a uma moeda social, a estrela. A intenção é que os miúdos pratiquem uma forma de consumo alternativa e sustentável, reciclando os brinquedos, experienciando a partilha. Entre outras coisas, aprendem que

"se cada um trazer um bocadinho, há muito para todos".

Fenómeno é de moda recente

Samuel Machado está a desenvolver a sua tese de mestrado em Intervenção Social, Inovação e Empreendedorismo, pelas faculdades de Economia e Psicologia da UC. Nesse âmbito, fez um levantamento dos mercados existentes no país, obedecendo a determinados critérios. Exemplos? Serem dirigidos a crianças, terem por base a troca, os miúdos participarem diretamente, com objetos seus, e haver uma componente educativa implícita. Resultado: contou 32 iniciativas desde 2007, pontuais e regulares, promovidas por instituições sociais e culturais, entidades públicas municipais, escolas e outras. O que não significa que não haja mais.

Sempre se fez trocas, mas os mercados de trocas para crianças, nestes moldes, são algo recente, de acordo com o investigador. Surgiram com especial força e continuidade a partir de 2011, tendo o de Coimbra sido dos pioneiros. Num cenário de crise, começou a "perspetivar-se outra forma de ver a economia e as possibilidades futuras", referiu. Paralelamente, passou a existir mais abertura para conceitos como reutilização e reaproveitamento. ●

"A ideia é que os miúdos pratiquem uma forma de consumo alternativa e sustentável"

MOEDA SOCIAL PORQUE É DA COMUNIDADE

Um mercado solidário pode funcionar por troca direta ou com recurso à moeda social (na foto, os "jardins"). A moeda social visa facilitar as trocas, e não valorizar os produtos pela aproximação ao euro. Chama-se assim "porque é construída e administrada pela comunidade", explica a investigadora Luciane Lucas dos Santos.

"Essa moeda não se presta à acumulação, apenas ajuda a ampliar trocas entre pessoas que vão ter produtos com diferentes valores de uso. Por exemplo, uma criança com uma bicicleta e outra com cromos vão ter dificuldade em trocar esses bens; uma maneira de permitir essa troca é introduzir a moeda que permite a todo o mundo participar", concretiza.



brincar às trocas



FERNANDO FORTES / GLOBAF PAPERES

Outras iniciativas :

Cantanhede

● O Estrela Solidária – Mercado de Trocas para Crianças realiza-se, trimestralmente, no concelho, com recurso à moeda social estrela.

Castelo Branco

● Feira de trocas a cargo da associação EcoGerminar, inserida no Mercadinho do Camponês, trimestral, com base em "ecomonedas".

Lousã

● Feira de trocas que se realiza no âmbito do programa "Escolhas", sem periodicidade definida, recorrendo à moeda social xisto.

Lisboa

● A associação Horas de Sonho, que criou o Trokaki, espaço de trocas ambulante para adultos, pontualmente organiza eventos especificamente dirigidos a crianças em escolas: a Feira dos Brinquedos, que funciona por vale.

Águeda

● Mercado de trocas trimestral, no Instituto Bela Vista, que utiliza a moeda social rio.

Matosinhos

● Minimercado realizado pela Câmara Municipal, no Dia da Criança (1 de junho), no Museu Quinta de Santiaço, por troca direta.



1. Mercado de Trocas para Crianças e Jovens, em Coimbra, já teve 15 edições. A mais recente aconteceu no Departamento de Matemática da Universidade

2. Inês Batista diz que o Mercado de Trocas de Coimbra permite ir brincando sempre com coisas novas – nas suas mãos, porque já foram utilizadas por outros meninos

3. Samuel Machado está por detrás do Estrela Solidária – Mercado de Trocas para Crianças, em Cantanhede, e é investigador. Tem registo de pelo menos 32 iniciativas do género, por todo o país, desde 2007

